

As várias fases da obra de Malangatana (III)

Mensageiro de coisas e factos do seu povo

De 1965 a Abril de 1971 — Prisão, libertação, trabalho intenso, uma implicação cada vez mais politizada. Do apanhado das diferentes fases da obra de Malangatana, de acordo com o que será a temática da sua Exposição-Retrospectiva a realizar durante Junho deste ano, falamos agora desse período.

Dos trabalhos feitos nos 18 meses que passou nas masmorras da PIDE, como é natural não surgiram críticas na imprensa da altura.

Mas, mesmo preso, Malangatana conseguiu continuar a trabalhar produzindo desenhos e mais desenhos em todo o papel que podia conseguir (chegou a utilizar papel higiénico ...).

Esse seu período, trouxe uma grande alteração no tratamento dos seus trabalhos e influenciou largamente os tempos imediatos à sua libertação.

Durante esses 18 meses a sua obra apresenta duas linhas básicas. Por um lado, uma qualidade de reportagem, em que o dia-a-dia prisional é assinalado; por outro, um apresentar simbólico de todo esse universo concentracionário: os sonhos da vida lá fora; os flautistas de formas retorcidas, deformadas; a morte e a tortura presentes no quotidiano.

ENVOLVIMENTO POLÍTICO CADA VEZ MAIOR

A fase da sua obra considerada a seguir, estende-se da época da sua libertação até à sua primeira ida a Portugal e à Europa.

Com uns primeiros tempos muito marcados pela prisão — conforme atrás fizemos notar — os seus trabalhos vão-se tornando cada vez mais envolvidos politicamente até alcançarem um climax na sua exposição individual de Dezembro de 1970, em que, embora pondo em risco a bolsa que lhe estava a ser concedida pela Fundação Gulbenkian, ele tenta mostrar, sob uma situação de repressão, a imagem dessa mesma repressão e a luta contra ela, como podemos verificar pelos títulos das obras registados no catálogo e a visão das mesmas.

Eis alguns daqueles títulos: «... e a partir dessa noite sentiram-se sós porque nunca mais voltou ...», «... e depois por causa disso foram insónias que deram cabo deles», «... e como nada mu-

dou e ninguém lhes disse nada, fizeram um enterro com cadáveres imaginários»; «... e acabaram por ficar perante uma fome que nunca mais os largou» (conjunto em que a referência aos muitos desaparecidos nas mãos da PIDE, se tornava notória); «... então não precisa de me tapar a boca»; «... mas o sr. Costa violou a Cailda Ndalana sem perceber nada de lobolos»; «o único meio de se vencer um monstro é desdentá-lo». E vai mesmo até chamar do n.º 3: «25 de Setembro».

O POVO É O POÇO SAGRADO DUM PAÍS

As críticas locais e estrangeiras surgem durante esta fase e também as entrevistas feitas ao autor que, reflectindo a luta que se travava na época, vinham de vários sectores políticos: O regime colonial-fascista procurava, agora já em Moçambique, recuperar os poucos intelectuais «coloridos» locais. Do outro lado, os elementos progressistas tentavam destacar a não-ligação desses intelectuais com o regime e fazer com que sobressaísse, através das malhas da Censura, a denúncia e combate contra o mesmo, bem como a afirmação de uma cultura própria e independente.

E Malangatana ia aproveitando as oportunidades para tentar afirmar essa situação.

«Nos meus primeiros quadros pintei paisagens», afirmava ele ao repórter do «Diário de Moçambique» que o entrevistava a propósito do painel que fora pintar à Beira «Vovó Chipangara está zangada», e prosseguia: «mas verifiquei que a paisagem não passava de paisagem, e que, com a figura podia, ao contrário, aproveitar tudo quanto estivesse relacionado com o homem e os seus problemas (...). Estou hoje convencido de que através da pintura posso falar com qualquer homem, porque a pintura fala uma linguagem universal», acrescentando ainda: «A luta pela posse de uma terra, conforme o tipo de luta de que se trata, dói-me se não vejo ali razão, mas força; a fome no mundo fere a minha sensibilidade e, por isso aprecio imenso Josué de Castro porque debate este problema de uma maneira profundamente humana e justa».

Noutra entrevista dizia: «a Arte é para mim um magnífico instrumento de manifestação que vai desde os usos e costumes dum povo à evolução social, mental, cultural e política do mesmo (...). É nula para mim a arte que se abstenha no integrar das manifestações e dos anseios do povo, porque o povo é o poço sagrado dum País ... a arte deve ser um motor de arranque do povo (...)\", e explicita ainda mais essa sua ideia nestas outras declarações: «Não nota nestas figuras um significado, um conteúdo, um tema? Descrevê-lo é bom. Mas não vê que todo ele trata de opressão? Dois gigantes esmagam os infelizes ... Não é assim que uma grande parte da humanidade vive?».

Acentuando também esses aspectos, a crítica faz notar que nas fases anteriores «a violência era mais subtil, parecendo os temas menos complexos. A qualidade surrealística quase-onírica das primeiras pinturas foi substituída por

quase-caricaturas de monstros, pessoas, dentes e garras.

«O assunto principal dos trabalhos de Malangatana transferiu-se dos rituais e magia da sua infância para as suas experiências de vida mais recente. Com grande frequência ele introduz-lhes um auto-retrato. Parentes e amigos podem ser também incluídos, bem como estranhas criaturas em forma de pássaros de um outro mundo. Um mundo pintado com grande força e emoção. Ele mostra-nos a importância da família, dos rituais, das missangas e da magia que foi sempre uma parte importante da sua vida». (Betty Schneider, em «African Arts»).

MENSAGEIRO DE COISAS E FACTOS

Claro que alguns intelectuais portugueses aqui residindo na época, procuram diminuir aquele que não obedecia aos cânones que lhes convinha. José Craveirinha, a 1 de Janeiro de 1971, no «Notícias da Beira» responde-lhes com as seguintes considerações sobre a obra de Malangatana:

«A arte não é uma só arte nem o artista é um escravo de uma única imagem do mundo (...) a Arte tem que ser apenas um caso de filiação num sistema de valores dentro de um conceito de Valor. Mas esse conceito de valor não é um para toda a humanidade para todos os povos de todos os continentes (...). Por isto tudo é que um artista como Malangatana não tem que ser um fazedor de arte no sentido considerado elevado quanto a prismáticas diferentes das que ele, Malangatana, herdou e possui culturalmente. Aquilo que em Malangatana se tem como mérito inferior, só o é

na medida em que se procura medir a sua obra por parâmetros estranhos aos seus horizontes ancestrais no campo da coisificação estética.

«Dissociar a arte de Malangatana de uma arte que é uma constante preocupativa, não é justo, porque a preocupação também é motivante de criação. Malangatana não sabe desenhar, dizem profissional e convictamente pessoas cuja cultura não duvidamos a altura e a robustez. Mas cultura em que sentido? ... no sentido apriorístico de uma cultura ocidental, cultura greco-latina, cultura europeia? Precisamente onde Malangatana não está senão como intruso ou turisticamente. (...)

«Malangatana fala com uma visão acerradamente directa dos problemas e segundo um sentido fetichista, um nativismo cru ou uma descida aos abismos do delírio em noites de invocação dos espíritos ... Malangatana pinta a partir do conhecimento que tem das coisas e do grau valorativo que atribui à sua simbologia.

«A verdade é que não se pode ignorar que Malangatana pertence a uma ordem de realidades diferentes da dos seus críticos e detractores mais tenazes. E só esse facto determina uma posição psicológica de Malangatana — indivíduo de reajuste perante o estado de coisas que o rodeia, realidades como também objecções e preconceitos, tornando-o urgentemente, um pouco carismaticamente, aquele mensageiro de coisas e factos que dantes competia aos bordados e aos arúspicos».

Mensageiro que, chegado às terras diferentes e expondo aquilo que tinha para dizer, por elas é reconhecido, accite e louvado como isso mesmo: o portador da fala profunda — que vinda de sempre continua até hoje — do povo, do seu povo.

J. N.

O maior conjunto de obras das executadas na prisão: dois álbuns de desenho completamente preenchidos e que o artista tinha resolvido nunca separar pelo enorme interesse que esse bloco tinha, foram-lhe roubados.

Uma perda importante de que restam apenas as reproduções fotográficas de uns quatro desenhos, feitas por um amigo.